

**JAMES PATTERSON**

**AMEAÇA  
3  
MORTAL**





## O ARQUEIRO

**Geraldo Jordão Pereira** (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Steve Bowen, Leopoldo Gout,  
Stuart Manashil e Bill Block:  
os Quatro Mosqueteiros*

PARTE UM

# DESAPARECIDOS

## capítulo 1

**C**OMEÇOU COM OS FILHOS do presidente Coyle, Ethan e Zoe, figuras notórias desde sua chegada a Washington e provavelmente antes disso.

Aos 12 anos, Ethan Coyle achava que estava acostumado a viver sob os olhos do público. Ele mal percebia as equipes de TV acampadas diante do Colégio Branaff e não ligava se algum garoto da escola tentasse tirar uma foto dele no corredor, na quadra de esportes ou até no banheiro.

Às vezes Ethan fingia ser invisível. Era uma brincadeira de criança. Um dos sujeitos mais simpáticos do Serviço Secreto havia lhe ensinado esse truque. Con tou a ele que Chelsea Clinton também fazia isso. Quem ia saber se era mentira?

Naquela manhã, porém, quando Ethan percebeu Ryan Townsend vindo em sua direção, teve vontade de *sumir*. Não era invencioneiro de sua cabeça, Ryan jamais gostou dele: os hematomas em sua pele eram prova disso.

– Qual é o problema, *Coyle bunda-mole?* – gritou Ryan indo para cima do colega, o olhar ameaçador no rosto. – O fracote já está se borrando?

Ethan sabia que era melhor não responder. Preferiu dobrar à esquerda e seguir pelo corredor dos armários, o que acabou sendo seu primeiro erro. Não havia para onde fugir e ele logo sentiu um forte golpe na perna: tinha levado uma rasteira! Ryan mal diminuiu a velocidade ao passar por ele. O garoto chamava aquelas agressões de “acidentes de percurso”.

Ethan *jamaiz* gritava ou demonstrava sentir dor. Prometera a si mesmo que nunca deixaria ninguém perceber o que estivesse sentindo.

Os livros caíram de suas mãos e ele se ajoelhou para pegá-los. Era uma atitude covarde, mas pelo menos podia aliviar o incômodo da perna sem que os outros colegas notassem que ele não passava de saco de pancadas de Ryan.

Só que, dessa vez, uma outra pessoa assistia à cena: e não era ninguém do Serviço Secreto. Ethan guardava uma folha na pasta de matemática quando ouviu uma voz conhecida:

– Ei, Ryan! Qual é o problema?

O menino levantou o rosto e viu Zoe, sua irmã de 14 anos, indo na direção de Ryan.

– Eu vi! – gritou ela. – Achou que eu não ia ver?

O garoto inclinou a cabeça de cachos louros e disse:

– Não sei do que está falando! Por que não vai cuidar...

De repente um pesado livro amarelo surgiu nas mãos de Zoe e acertou em cheio o rosto de Ryan. O nariz dele começou a esguichar sangue, fazendo-o cambalear para trás.

A confusão estava formada quando os homens do Serviço Secreto se aproximaram. O agente Findlay segurou Zoe enquanto o oficial Musgrove se posicionou entre Ethan e o outro garoto. Vários alunos se aglomeravam ao redor do grupo como se estivessem diante de um reality show: *Os filhos do presidente*.

– Vocês são uns fracotes! – gritou Ryan para Ethan e Zoe, o sangue escorrendo pela gravata e pela camisa do uniforme. – Dois filhinhos de papai que precisam da proteção de guarda-costas!

– Ah, é? Diga isso a meu livro de álgebra! – retrucou a menina aos berros. – E fique longe do meu irmão! Você é maior e mais velho que ele, seu imbecil!

Ethan ainda estava perto dos armários, com seu material espalhado pelo chão. Por alguns segundos o garoto se viu fazendo parte da multidão de alunos, como se fosse um menino qualquer observando aquela loucura acontecendo com outra pessoa.

*Sim, pensou Ethan. Talvez numa próxima encarnação.*

## capítulo 2

O AGENTE FINDLAY RAPIDAMENTE conduziu Ethan e Zoe para longe dos curiosos e do pior dos perigos: estudantes ávidos por gravar um vídeo em seus iPhones e depois publicá-lo no YouTube. Em questão de segundos ele desapareceu com as duas crianças no auditório anexo ao saguão principal, que até então estava vazio.

O Colégio Branaff ficava no terreno de uma antiga fazenda, cuja propriedade havia sido transferida para uma associação educacional-religiosa. Os alunos diziam que o lugar era mal-assombrado não pelas boas pessoas que haviam morrido ali, mas pelos descendentes da família Branaff, revoltados por terem sido desalojados para dar lugar a uma escola particular.

Ethan não acreditava em nenhuma daquelas bobagens, mas sempre achara o auditório assustador por causa de seus antigos retratos a óleo que pareciam lançar um olhar de censura a todos os que por lá passavam.

– O presidente vai ficar sabendo de tudo o que aconteceu, Zoe. A briga, o seu linguajar – disse Findlay. – Sem falar do diretor Skillings...

– Claro, você está apenas fazendo seu trabalho! – retrucou a menina, dando

de ombros e franzindo a testa. Em seguida levou a mão ao rosto de Ethan. – Tudo bem?

– Estou ótimo – disse ele, recusando o carinho da irmã. – Ao menos fisicamente – acrescentou. Havia ainda a questão de sua dignidade, mas aquele não era o melhor momento para pensar no assunto.

– Nesse caso, vamos seguir com a programação original – determinou o agente. – Vocês têm que assistir a uma palestra daqui a cinco minutos.

– Saquei – disse Zoe com um gesto de desprezo. – Até parece que iríamos nos esquecer da palestra.

A convidada daquela manhã era Isabelle Morris, pesquisadora do Instituto de Política Internacional e ex-aluna do Colégio Branaff. Ao contrário da maioria de seus colegas, Ethan estava ansioso para assistir à palestra sobre o Oriente Médio. Sonhava um dia trabalhar nas Nações Unidas. Não era algo impossível. Afinal, ele tinha ótimos contatos.

– Você pode nos dar um segundinho? – pediu Zoe ao agente. – Quero conversar com meu irmão *em particular*.

– Eu já disse que está tudo bem – insistiu Ethan, mas logo percebeu que sua irmã o encarava.

– Ele me diz coisas que não diria a vocês – continuou Zoe em resposta ao olhar desconfiado de Findlay. – E não é fácil ter conversas particulares, se é que me entende. Sem querer ofender...

– Não me senti ofendido – rebateu o agente, consultando o relógio. – Tudo bem. Vocês têm dois minutos.

– Ótimo, prometo que não levaremos mais do que isso – disse Zoe, fechando a pesada porta de madeira assim que Findlay saiu.

Sem dizer uma palavra ao irmão, ela avançou por entre as filas de cadeiras em direção aos fundos do auditório e subiu no aparelho de ar condicionado que ficava sob as janelas. Enfiou a mão sob a jaqueta do uniforme azul e cinza e tirou um pequeno estojo preto. Ethan reconheceu o objeto. Sua irmã o comprara em Pequim no ano anterior, durante uma viagem à China com seus pais.

– Estou a fim de fumar um cigarro – sussurrou Zoe, dando um risinho malicioso. – Vamos nessa?

– Não quero perder a palestra – disse ele, olhando para a porta do auditório.

– Ah, *por favor!* É sempre o mesmo blá-blá-blá sobre o Oriente Médio. Você pode ver isso na CNN a qualquer momento, mas quantas vezes temos a chance de driblar o Serviço Secreto? *Ora, vamos lá!*

Ethan não tinha escapatória. Ou agiria de novo como um covarde, ou perderia a palestra que tanto desejava ver.

– Você não devia fumar – disse o menino sem muita convicção.  
– E você não devia ser tão medroso! – rebateu a irmã. – Assim, panacas como Ryan Townsend talvez o deixassem em paz.

– Você diz isso porque papai é o presidente, não é?

– Não. Digo isso porque você é um banana! Por acaso já viu algum valentão se meter comigo? – Ela abriu a janela e pulou para fora sem dificuldade. Zoe se considerava uma nova Angelina Jolie. – Se não quiser vir comigo, pelo menos me dê um minuto para me mandar. Está bem, vovô?

Numa fração de segundo Zoe desapareceu. Ethan olhou por cima do ombro novamente e fez a única coisa que podia para salvar sua dignidade. Pulou a janela do auditório e se meteu numa encrenca que ele jamais poderia imaginar.

*Ninguém poderia.*

## capítulo 3

**A**SSIM QUE A PORTA DO AUDITÓRIO se fechou atrás do agente Clay Findlay, ele verificou a maçaneta: *destrancada*. Em seguida olhou o ponteiro dos segundos de seu relógio de aço inoxidável.

– Vou dar a eles mais 45 segundos – falou ao microfone escondido sob o punho da camisa. – Depois levamos T-Rex para a palestra e Crepúsculo à sala do diretor.

As ordens da primeira-dama e do presidente eram de que Ethan e Zoe tivessem uma vida escolar o mais normal possível, desde que respeitassem os limites da razão. Algo que era fácil na teoria, porém não na prática. Zoe Coyle nem sempre agia dentro dos limites da razão. Na verdade ela não agia mal. Zoe não era uma criança má; era apenas uma criança. Voluntariosa, esperta e afeiçãoada ao irmão mais novo.

– Vou levar uma advertência por causa disso – comentou Findlay pelo rádio.  
– Mas uma coisa é certa: esse tal de Ryan Townsend é um pé no saco! Finja que eu não disse nada.

– Tal pai, tal filho – brincou Musgrove. – Bem, o garoto conseguiu o que queria. Ele só não esperava que Zoe o acertasse.

Os dois agentes começaram a rir. O pai de Ryan Townsend era líder da bancada minoritária na Câmara dos Deputados e opositor ferrenho de qualquer iniciativa que o presidente Coyle tomasse ou sonhasse tomar. Às vezes o Colégio Branaff parecia uma versão em miniatura do Capitólio, o que de certa forma era.

Findlay consultou o relógio mais uma vez. Dois minutos tinham se passado. Fim do descanso para os pequenos Coyle. Estava na hora de voltar ao trabalho.

– Tudo bem, senhoras e senhores, estamos a caminho – disse ele ao microfone, batendo duas vezes na porta do auditório antes de abri-la.

– Tempo esgotado, meninos. Vocês estão prontos para... *Meu Deus!*

O lugar estava vazio.

*Não, não e não! Isso não! O que você aprontou, Zoe!?*

Findlay sentiu o coração pular dentro do peito e seus olhos foram direto para as janelas da parede ao fundo. Enquanto caminhava até lá, começou a se comunicar com o Centro de Operações Conjuntas e com a equipe que vigiava o colégio.

– Comando, aqui é Força Um. Crepúsculo e T-Rex desapareceram – disse ele em tom de urgência, mas sem demonstrar qualquer emoção. Não havia por que entrar em pânico. – Repito, os dois desapareceram.

Quando chegou às janelas, todas estavam fechadas. Uma delas, porém, se encontrava destrancada. Num rápido exame da área externa, o agente viu o campo de esportes que se estendia até a grade do lado sul.

– Findlay? O que houve? – perguntou Musgrove já à porta do auditório.

– Eles devem ter pulado a janela – respondeu Findlay. – Eu vou matar aquela garota. Não estou brincando. Ela passou dos limites! – Aquilo parecia ser mais uma das armações de Zoe, que adorava driblar os seguranças. – Comando, aqui é Força Um – o agente voltou a falar pelo rádio. – Crepúsculo e T-Rex continuam desaparecidos. Bloqueiem imediatamente todas as saídas. Repito, bloqueiem imediatamente...

Ele então percebeu uma agitação do outro lado da linha. Ouviu gritos e o barulho de metal contra metal, antecidos por dois estampidos secos.

– Comando, aqui é Força Cinco! – gritou uma voz pelo rádio. – Estamos seguindo uma van cinza. Acabou de escapar pelo portão leste. Está indo pela Wisconsin em alta velocidade, na direção sul! *Peçam reforços imediatamente!*

## capítulo 4

**B**OBBI HATFIELD, SARGENTO da Polícia Metropolitana de Washington, acabara de avistar uma van cinza a 100km/h cruzando o bairro de Georgetown quando ouviu o chamado pelo rádio:

– Todas as unidades, atenção à área dois-zero-seis. Possível sequestro em curso com pessoas armadas. Duas crianças. Repito: *duas* crianças! Van cinza em alta

velocidade na área sul da Wisconsin rumando para noroeste. Serviço Secreto envolvido na perseguição. Solicitamos reforços! Sintonizem o canal 23!

Hatfield ligou a sirene e fez uma manobra de 180 graus com sua viatura no momento em que foi ultrapassado por uma picape preta. Tão logo sintonizou o canal, ouviu os agentes do Serviço Secreto gritando as coordenadas:

- Estamos indo na direção sul! Placa de Washington, DMS oito-dois-três...
- Serviço Secreto, aqui é a unidade dois-zero-seis da polícia – falou Hatfield.
- Estou logo atrás de vocês!
- Copiado!

O sargento acelerou quando a picape do Serviço Secreto reduziu a velocidade, deixando que ele assumisse a dianteira. O velocímetro se aproximava dos 120 e sua adrenalina estava a mil. Um erro na direção colocaria tudo a perder.

Na Rua M, a van dobrou à esquerda numa curva fechada e raspou a lateral de dois veículos, não capotando por sorte. Hatfield fez a curva com mais cuidado e pisou fundo. Aproximou-se da van, que ainda mantinha uma boa distância.

- O suspeito tomou a direção leste na M – gritou ele pelo rádio. – O cara está voando! Cadê os reforços?

Quando chegaram à Pennsylvania Avenue, pouco antes de Rock Creek, o veículo suspeito entrou à direita. Era uma via mais larga e a pessoa que estava ao volante acelerou, costurando perigosamente enquanto cruzava a ponte.

Hatfield não tirava os olhos do asfalto. Havia carros e pedestres por toda parte, o que tornava aquela perseguição ainda mais arriscada.

*Essa porcaria não vai acabar bem.* Este pensamento não lhe saía da cabeça.

Uma segunda viatura da polícia se juntou ao comboio na altura da 28, seguindo logo atrás do sargento. Hatfield reconheceu a voz do colega e amigo James Walsh quando este entrou no canal do rádio. Walsh adorava provocá-lo.

- Estou vendo que seu dia está agitado, parceiro.
- Não é hora para brincadeira, James!
- O suspeito está indo para sudoeste na Pennsylvania – informou Walsh, mudando de assunto. – Parece que há apenas uma pessoa no carro, mas é difícil afirmar. Estamos a menos de um minuto da rotatória e... Ah, droga! Bobby, veja isso! Veja!

Ao chegar ao trevo, a van pegou à direita e seguiu reto na contramão. Carros de passeio e táxis subiam na calçada para abrir caminho.

Do lugar onde estava, Hatfield tinha a impressão de testemunhar a abertura do mar Vermelho, mas aquele espetáculo estava prestes a terminar, já que um ônibus enorme vinha de encontro à van. O coletivo deu em vão uma forte guinada à direita.

Hatfield só teve tempo de meter o pé no freio, fazendo seu carro derrapar violentamente pelo asfalto. Ainda assim, seus olhos não desgrudaram da van, que bateu em cheio na lateral do ônibus. A parte dianteira do veículo encolheu como uma sanfona, estourando o para-brisa e levantando os pneus traseiros a uns trinta centímetros do chão antes de ele parar por completo.

Hatfield desceu do carro com Walsh em sua cola. Como por milagre, não havia passageiros no ônibus. Por outro lado, a rotatória estava uma confusão de carros parados e batidos.

Em menos de um minuto apareceram cinco viaturas da polícia. De uma hora para outra havia policiais fardados por toda parte, mas Hatfield foi o primeiro a chegar à traseira da van. A porta de metal cinza estava afundada e a maçaneta havia emperrado.

Seu coração ainda pulava dentro do peito e ele sentia o sangue latejar nos ouvidos. A perseguição ainda não tinha terminado. O que eles iriam encontrar dentro do carro? Homens armados? Homens mortos?

Ou, pior ainda: *crianças mortas?*

## capítulo 5

**QUANDO OCORREU O PRIMEIRO** incidente daquela série de acontecimentos, eu não fazia ideia de que as crianças desaparecidas eram filhas do presidente. Eu me lembrava do repórter na rádio falando sobre “um possível sequestro”. Mas aquilo era a única coisa que sabíamos.

Naquele momento, eu seguia pela Rua K na direção leste e estava de folga. O local indicado ficava a menos de dois quarteirões, portanto cheguei à rotatória antes dos bombeiros. Eu poderia ajudar em alguma coisa.

Um policial uniformizado vinha andando rápido às minhas costas, desenrolando a fita de isolamento amarela enquanto eu me dirigia à van completamente amassada. A primeira coisa que percebi foi a porta traseira escancarada. A segunda foi o fato de não haver nenhum sinal de vítima de sequestro.

A terceira e última coisa que me chamou a atenção foi a presença maciça de agentes do Serviço Secreto. Alguns deles estavam vestidos em seus habituais ternos escuros, enquanto outros trajavam blazers, gravatas, camisas de manga comprida e calças sociais. Pareciam professores, mas essa impressão se desfazia quando se percebiam os fones de ouvido.

Exibi o distintivo e fui em direção à van para examinar o veículo. O motorista

estava preso às ferragens. Havia sangue à altura do abdômen e o braço direito dele se projetava para fora da janela numa posição improvável.

O sujeito devia ter 30 e tantos anos, cabelos negros encaracolados e uma barba tão patética quanto ele próprio.

Mas onde estava a vítima? Será que tudo não passava de uma farsa? Uma manobra para desviar nossa atenção? Eu começava a achar que sim, sentindo a adrenalina correr pelas minhas veias. *Desviar nossa atenção de quê? O que mais aconteceu naquela escola?*

– Ele está lúcido? – perguntei ao agente vestido de tweed à minha frente.

– Difícil dizer – respondeu. – Está inconsciente e talvez em estado de choque. Nem sabemos se ele fala inglês.

– Algum sinal da criança desaparecida?

– Duas crianças desaparecidas – corrigiu o agente balançando a cabeça e levantando dois dedos.

Aquilo me parecia um déjà-vu da pior espécie. Alguns anos antes eu trabalhara com o Serviço Secreto em outro caso de sequestro duplo perpetrado por um monstro chamado Gary Soneji. Só uma das crianças sobreviveu e eu escapei por pouco, graças a John Sampson.

Mostrei o distintivo mais uma vez e então me debrucei na janela do lado do motorista.

– Polícia! Cadê as crianças? – perguntei abruptamente ao homem. Na falta de outro indício, eu partia do pressuposto de que ele sabia alguma coisa. Não havia tempo para rodeios.

Sua respiração estava curta e o rosto, pálido, como se o corpo reconhecesse a intensidade da dor mas o cérebro não a registrasse. Além disso, as pupilas se encontravam dilatadas. O sujeito parecia drogado de fenciclidina, mas ao mesmo tempo tinha acabado de participar de uma perseguição. Nunca tinha visto alguém chapado de “pó de anjo” fazer uma coisa daquelas.

Como ele não reagia, achei melhor insistir.

– Está me ouvindo? – gritei. – Me diga onde estão as duas crianças! A não ser que você queira ficar preso às ferragens...

Os bombeiros tinham chegado e dois oficiais pediram que eu me afastasse, mas eu não sairia dali até conseguir uma resposta.

Ouvi o barulho de um motor hidráulico sendo ligado atrás de mim. Era o alicate mecânico que iria cortar a lataria do carro e liberar a vítima.

– O que você sabe? – perguntei. – Está trabalhando para alguém? Me diga onde estão as crianças!

De repente alguma coisa mudou na expressão do motorista. O sujeito ainda

respirava com dificuldade, mas os cantos de sua boca se retesaram e os olhos se estreitaram, como se alguém tivesse contado uma piada que só ele tinha ouvido ou entendido. Quando finalmente cuspiu uma resposta, ela veio com uma golphada de sangue que encharcou o volante e o painel.

– *Que crianças, cara?*

## capítulo 6

**OS BOMBEIROS USARAM** o alicate mecânico para cortar as colunas de sustentação do para-brisa e a porta e arrancaram o teto com um pé de cabra, como se estivessem abrindo uma lata de sardinhas. Em geral, o resgate de vítimas é um trabalho emocionante de ver, ainda mais porque você torce pela pessoa que está presa às ferragens. Mas não era o caso daquela vez. Não mesmo.

Quando eles abaixaram uma corrente para puxar o motor e retirar o homem, tentei arrancar algumas informações de Clay Findlay, agente do Serviço Secreto com quem eu estava conversando.

– Quem são as crianças desaparecidas? – perguntei, mas ele se limitou a fazer um sinal negativo com a cabeça. Ele não ia me dizer. Que diabos estava acontecendo? – Escute, tenho experiência nesse tipo de coisa...

– Sei quem é você – disse ele, interrompendo-me novamente. – Alex Cross, do Departamento de Polícia Metropolitana, ou DPM, se preferir.

Naquela época, minha reputação como policial me precedia, o que não deixava de ser uma faca de dois gumes. Naquele episódio específico, ela não estava me ajudando em nada.

– Alertamos todas as unidades da polícia – continuou Findlay. – Por que não pergunta a seu superior em que pode ajudar? Estou muito ocupado. Também tenho experiência nessa área, detetive.

Não gostei daquela atitude. Cada minuto a mais significava uma dificuldade maior para encontrar as crianças. O agente deveria saber disso. E, o que era pior, ele talvez soubesse.

– Está vendo aquele cara? – falei, apontando para o motorista. Os paramédicos haviam imobilizado seu pescoço com um colar cervical e logo ele seria encaminhado a um hospital. – A prisão dele é de responsabilidade da polícia, está entendendo? Vou falar com ele assim que puder, com ou sem a presença de vocês. Se quiser esperar, o problema é seu. Ele vai ser sedado, entubado e sabe-se lá quando vai voltar a falar!

Findlay me lançou um olhar de poucos amigos. Seus dentes rangiam dentro da boca fechada. O agente sabia que aquela área estava sob minha jurisdição e que eu podia passar por cima dele se quisesse.

– São Zoe e Ethan Coyle – disse finalmente. – Logo vai ficar sabendo dos detalhes. Desapareceram do Colégio Branaff há uns vinte minutos.

Fiquei paralisado diante daquela revelação.

– O que mais pode me contar? – perguntei em voz baixa.

– A escola foi fechada – respondeu Findlay após alguns segundos. – Todos os agentes do Serviço Secreto estão a caminho do Branaff.

– Será que as crianças ainda estão no colégio?

– A esta altura já teríamos descoberto – disse o agente, balançando a cabeça.

– Não há a menor possibilidade de elas estarem lá.

– Alguma ideia de como alguém conseguiria tirá-las da escola?

Uma nova pausa. Tive a impressão de que ele pesava as palavras antes de pronunciá-las. Outra coisa que eu ignorava era o fato de Findlay ser o responsável pela segurança de Ethan e Zoe. Aquele detalhe devia estar deixando-o louco. *Os filhos do presidente.*

– Não. Simplesmente aconteceu – respondeu ele. – Há uma passagem subterrânea que liga a casa principal a alguns prédios de serviço. É da época em que aquilo ainda era uma fazenda. Nós mantemos a passagem fechada, mas às vezes alguns alunos entram lá para fumar um cigarro ou dar uns amassos. Acredite em mim: se Ethan e Zoe estiveram naquele túnel, agora não estão mais.

O motorista da van já havia sido retirado e agora se encontrava numa maca, com um tubo no nariz e soro na veia. Quando começaram a empurrar a maca até a ambulância, Findlay e eu fomos atrás.

Mais uma vez exibi meu distintivo, e ele, suas credenciais.

– Ei! – gritou um dos paramédicos quando subimos junto com a vítima. – Vocês não podem...

– Vamos acompanhá-lo – falei, já fechando as portas da ambulância e me dirigindo ao motorista: – Pode arrancar, estamos prontos!

## capítulo 7

**M**INHA MENTE NÃO PARAVA de trabalhar. Sentia o coração saltar dentro do peito. Também não conseguia recuperar o fôlego.

*Os filhos do presidente.*

O Hospital da Universidade George Washington ficava a poucos quarteirões do local do acidente, portanto eu tinha de agir rápido. Enquanto os paramédicos cuidavam de nosso suspeito e comunicavam por rádio a condição do paciente, debrucei-me sobre ele.

– Qual é seu nome?

Precisei repetir algumas vezes até que ele respondesse.

– Ray? – disse finalmente, como se fizesse uma pergunta.

– Certo, Ray. Meu nome é Alex. Consegue me ouvir?

Ele estava deitado de costas, o olhar fixo no teto. Movi o dedo diante de seus olhos para chamar sua atenção.

– Você está bem, Ray? O que você tomou?

Sua expressão continuava distante.

– Um pouco de água – disse após alguns segundos.

– Não dê nada a ele! – rosnou um dos paramédicos.

– *Não vou fazer isso!* – respondi. – Beber água é típico de quem consumiu fenciclidina. Bem, isso é o que ele *acha* que tomou.

– Acha? – perguntou o agente Findlay.

– Isso ou algo com efeito anestésico. Talvez algum tipo de coquetel – respondi, perguntando-me se havia sido ele quem preparara a droga.

– Quem é o dono da van, Ray? – perguntei. – Quem meteu você nessa roubada? Há outra pessoa, certo?

– Bete – respondeu. – Quinhentas pratas e um pouco de água.

– Quinhentas pratas? – repetiu Findlay, prestes a voar em cima do sujeito. – Você tem ideia da enrascada em que se meteu por... 500 pratas!?

Mas Ray não ouvia o agente do Serviço Secreto. Olhava ao redor como se tivesse acabado de se dar conta de onde estava. Quando viu o sangue na altura do seu abdômen, seus lábios se crisparam.

– O que é isso?! – gritou.

– Ray? Ray? – insisti. – Você disse o nome Bete! Quem é Bete? A mulher que o contratou?

– Não – disse ele encolhendo-se. – Be-te, Be-te – voltou a falar e os dedos de sua mão esquerda começaram a se mover como se deslizassem sobre as teclas de um piano.

Findlay e eu nos entreolhamos. A pessoa que envolvera Ray naquela história sabia o que estava fazendo. Embora a pista que pudesse nos levar até as duas crianças ainda estivesse quente, a única pessoa capaz de nos ajudar estava delirando. Desperdiçávamos um tempo precioso com aquele sujeito. Era exatamente isso que o sequestrador queria.

– Chegamos! – gritou o motorista da ambulância. – Fim do interrogatório! – Os dois paramédicos se posicionaram e suspenderam a maca.

– Quem é Bete? – fiz mais uma tentativa. – Responda, Ray!

– Be-te-e, Be-te-e – repetiu, tamborilando com um dedo diferente a cada sílaba que emitia.

Eu então percebi que o gesto não era de quem tocava as teclas de um piano, mas de alguém que digitava num teclado. Foi quando imaginei outra possibilidade: BTE!

– Por acaso é um apelido usado na internet? – perguntei. – Alguém entrou em contato com você pela internet, Ray?

– Olhe a frente!

A porta traseira da ambulância foi aberta pelo lado de fora. Findlay e eu tivemos de sair para dar passagem à maca.

Uma equipe médica já estava a postos, ladeada por uma estranha multidão de ternos escuros. E não era uma multidão qualquer. Findlay parou de repente e por pouco não o derrubei.

– Senhor? – disse ele a um dos homens de terno.

Ali bem à nossa frente estava o secretário de Segurança Nacional: Phil Ribillini.

– Detetive Cross – falou Ribillini com um leve aceno de cabeça. Eu o conhecia da época em que eu trabalhava no FBI e ele no Departamento de Defesa. Mas agora não havia espaço para amenidades. – Precisamos de um depoimento seu imediatamente. Além disso, meu pessoal vai assumir o comando. Não há outro jeito.

Trocando em miúdos: eu não poderia mais falar com o motorista da van. A única coisa que me restava era ficar olhando enquanto a maca de Ray atravessava as portas automáticas e sumia hospital adentro.

Mas o pior não era isso. As duas crianças continuavam desaparecidas e o relógio não parava de correr.

## capítulo 8

**A**DRA. HALA AL DOSSARI tinha 29 anos, era magra, atraente, talentosa e sabia a hora certa de brincar. Ainda por cima tinha memória fotográfica. Seu marido, Tariq, era dez anos mais velho, gordo e perdidamente apaixonado pela esposa. Pareciam ter todo o motivo do mundo para querer continuar vivos, mas estavam preparados para morrer a qualquer momento. Era essa a sua missão.

Hala olhou rapidamente para seu relógio. O casal fora avisado várias vezes sobre os perigos do aeroporto Dulles. A área de desembarque internacional era uma das mais vigiadas do mundo. Além da segurança armada e dos fiscais da Alfândega, o terminal dispunha de uma equipe bem treinada de agentes de detecção de comportamento. A tarefa daqueles homens era passar os olhos pelos milhares de pessoas que entravam no país e perceber qualquer coisa fora do comum.

Uma gota de suor na testa podia tirar um passageiro da fila da Imigração. O mesmo valia para olhos que se movessem rápido demais. Ou para passos apressados. Sem falar do risco que era se deparar com um agente mal-humorado.

– Estamos quase lá – disse Hala, apertando a mão do marido para tranquilizá-lo. – Falta pouco. Sorria, querido. Os americanos adoram um belo sorriso.

– *Inshallah!*

– Tariq, por favor... *um sorriso!* Só para mostrar os dentes para as câmeras de segurança.

Finalmente o homem atendeu aos pedidos da mulher. O sorriso saiu travado, mas não deixava de ser um sorriso. Tudo bem até ali. Mais um ou dois minutos e eles estariam fora de risco.

O controle de passaportes foi tranquilo. Ao pegar as malas, tudo transcorreu bem, sem a desagradável sensação de estar num curral. Agora se encaminhavam para a fila de verificação das bagagens, a última que precisariam enfrentar antes que pudessem dizer que tinham chegado a Washington.

Mas de repente tudo mudou, como se estivessem vivendo um pesadelo em câmera lenta. Na verdade, percebeu Hala, *a fila tinha parado de andar.*

Uma dupla de agentes acenou para que dois passageiros saíssem da fila. Era um casal também saudita, vestido com roupas ocidentais.

– Os senhores poderiam nos acompanhar, por favor?

– Por quê? – perguntou o homem, colocando-se na defensiva. – Não fizemos nada de errado. Vamos perder nossos lugares na fila.

Hala percebeu que, assim como eles, o homem tinha sotaque *najdi*.

Mas quem eram aquelas pessoas? Seria mera coincidência? Olhou para o rosto preocupado do marido e percebeu que ele se fazia as mesmas perguntas. Será que a missão do casal nos Estados Unidos estava ameaçada antes mesmo de começar?

Outros agentes chegaram ao local. Uma oficial negra e forte segurou o braço da mulher com força.

– *Farouk!* – gritou ela em direção ao marido, antes de berrar com a segurança. – Nos deixe em paz! Tire essa mão imunda de mim!

O coração de Hala disparou quando ela olhou para o homem. *Ele ia tirar*

*alguma coisa do bolso.* Um dos guardas tentou segurar seu braço, mas o saudita o empurrou, derrubando-o no chão.

Mais dois agentes avançaram para ele, iniciando uma briga. Um segurança derrubou o homem e pulou em suas costas, mas ele conseguiu se desvencilhar e enfiou alguma coisa na boca.

Foi quando Hala se deu conta: aquilo não era coincidência. Ela também trazia uma cápsula de cianureto no bolso, assim como Tariq.

Não importava o que aquele casal tinha feito para despertar as suspeitas das autoridades, os Al Dossari não podiam ajudá-lo. Àquela altura, a única obrigação de Hala e Tariq era evitar que fossem descobertos. E, além de tudo, não serem presos.

Não seria difícil sair dali, pensou Hala. Bastaria que ela e o marido mantivessem a calma. Não podiam se esquecer de que a causa vinha em primeiro lugar. A missão deles mudaria o mundo. O destino da Família dependia dos Al Dossari. A missão era a única coisa que importava.

Tariq apertou a mão da mulher com mais força. A dele estava encharcada de suor.  
– Eu te amo, Hala – sussurrou. – Eu te amo muito!

## capítulo 9

— **O** **HOMEM ENGOLIU ALGUMA COISA!** – gritou um dos seguranças. Ele segurava o saudita enquanto outro agente tentava abrir sua boca.

Hala viu o sangue escorrer pelo queixo do homem. O revestimento da cápsula havia se rompido, liberando o conteúdo mortal. O coração dela batia mais forte. Como era médica, conhecia bem os efeitos do cianureto no organismo. Seria uma coisa pavorosa de testemunhar. Além disso, ela também tinha uma cápsula daquelas no bolso.

Numa fração de segundo o homem começou a ter convulsões. O tronco se arqueou devagar e as pernas se debateram de um lado para outro. Era uma reação instintiva e inútil. Os batimentos baixavam a níveis alarmantes e o oxigênio não chegava aos órgãos vitais, inclusive aos pulmões. O pânico que aquele homem sentia devia ser desesperador.

A jovem esposa caiu aos pés do marido. Uma gota de sangue também escorria em seu queixo. O líquido vermelho agora pingava de seu nariz.

– Há alguma coisa errada! – gritou uma agente. – Chamem a emergência. Precisamos de um médico!

A segurança do aeroporto tentava manter a calma, mas o pânico já se espalhava pela área de desembarque. Os passageiros começaram a correr até os guichês da Imigração e era possível ver algumas pessoas caindo e sendo pisoteadas. Gritos desesperados ecoavam pelo teto de pé-direito alto. Por toda parte se ouviam os ruídos dos aparelhos de rádio.

– Tariq? – chamou Hala. Seu marido estava paralisado, ainda que os outros passageiros passassem por eles aos encontrões. – Tariq? Precisamos ir embora. *Já!*

Os olhos dele pareciam grudados no casal que se contorcia no chão.

– Poderia ter acontecido conosco – sussurrou ele.

– *Mas não aconteceu!* – retrucou Hala. – Agora mexa-se! Por via das dúvidas, leve a pílula na mão. E fale apenas em inglês até sairmos daqui.

Tariq concordou. Era a esposa quem dava a palavra final. Lentamente ele desviou os olhos dos dois mártires agonizantes. Hala o agarrou pelo braço e começou a andar. Em seguida passou a empurrá-lo, como se estivesse lidando com um animal teimoso.

Logo os Al Dossari mergulhavam na multidão. As pessoas não paravam de gritar. Uma menina vomitava num canto. Em alguns segundos eles atravessavam as portas de saída junto a centenas de outros passageiros. Quando se certificaram de que estavam distante dos agentes, guardaram as pílulas de cianureto no bolso.

Eles finalmente chegavam aos Estados Unidos.

## capítulo 10

**FUI PARA O COLÉGIO BRANAFF** depois de prestar depoimento no hospital. Liguei para Bree, contei tudo o que havia acontecido e disse que não iria jantar em casa. Ela entendeu, o que é a grande vantagem de ser casado com uma colega de profissão.

Uma fileira dupla de viaturas da polícia estava parada na Wisconsin Avenue. Aquela devia ser uma das piores cenas de crime que eu tinha visto. A imprensa havia sido isolada por uma barreira de guardas de uniforme azul e avistei um grupo do que pareciam ser pais preocupados e algumas babás ou empregadas domésticas esperando junto ao portão principal. Vi que alguns alunos choravam.

Tão cedo não haveria um pronunciamento oficial (se é que alguém falaria), mas isso não impedia que as pessoas especulassem sobre o que tinha

acontecido. Eu definiria aquele local como um caos ligeiramente sob controle. Alguma coisa terrível ocorrera ali, mas nenhum de nós sabia ainda sua exata dimensão.

– Quero saber as novidades – falei a um dos guardas enfileirados na calçada.  
– Aconteceu algo diferente nessa última hora?

– Eu só sei o que pode ser visto daqui – respondeu. – Há alguns homens da Polícia Metropolitana vigiando a rua e o FBI bloqueou todos os acessos à escola.

– Quem é o agente responsável pelo Branaff? – perguntei, porém o policial se limitou a balançar a cabeça de modo negativo.

– Ninguém pode entrar, detetive, e os únicos a sair são as crianças e os pais. Liberados um a um. Até os professores estão presos lá dentro. Dificilmente o senhor vai conseguir alguma informação.

Deixei o guarda trabalhar em paz e tirei meu celular do bolso. Fazia alguns meses que eu servia de ligação entre o Departamento de Polícia e o Grupo de Informações de Campo do FBI. Imaginei que aquilo me daria direito a algum acesso especial. Mas eu estava enganado.

Todas as ligações que fiz para a Diretoria de Informações caíram na caixa postal. O mesmo ocorreu quando tentei me comunicar com Ned Mahoney, um amigo que eu tinha no Bureau. O FBI inteiro devia estar do outro lado das malditas grades do colégio. Talvez até Ned estivesse lá dentro. Aquilo era de enlouquecer.

O pior era que eu me preocupava com Ethan e Zoe Coyle, imaginando o sofrimento que eles estavam vivenciando enquanto eu ficava ali, gastando minhas energias à toa. As primeiras 24 horas após um sequestro são decisivas e eu não tinha certeza de que o Serviço Secreto tomaria as decisões corretas.

Então fiz o que me restava fazer. Comecei a andar. Talvez não conseguisse entrar no colégio, mas inspecionaria o perímetro da escola, inclusive algumas vias de saída que o sequestrador ou os sequestradores poderiam ter usado.

Enquanto andava, não parava de usar o telefone. Liguei para nosso Centro de Informações de Comando e finalmente consegui me comunicar com alguém:

– Sargento O'Mara falando.

– Aqui é Alex Cross. Preciso da cópia de alguns vídeos. Quero as imagens das imediações do Colégio Branaff num raio de dois quarteirões. Das cinco às 11 da manhã de hoje.

A segurança do metrô de Washington não usa tecnologia de ponta como a do de Londres, mas estamos acima da média em comparação a outras cidades americanas. Há câmeras instaladas em todos os cruzamentos. Talvez uma delas tivesse registrado alguma coisa.

– Quer que alguém vá entregar o material quando estiver pronto? – perguntou O'Mara.

– Não, eu mesmo passo aí – respondi. – Obrigado.

Desliguei o aparelho ao encerrar a ligação. Eu não queria que ninguém me dissesse aonde eu deveria ir. Se tudo desse certo, eu pegaria a cópia dos vídeos, examinaria as imagens em casa e só apareceria no escritório na manhã seguinte. Fazia algum tempo que eu tinha aprendido que é melhor pedir desculpas do que permissão.

Talvez eu estivesse me gabando ou mentindo para mim mesmo. Talvez não houvesse nada que eu pudesse fazer que o FBI e o Serviço Secreto já não estivessem fazendo. Mas só eu iria pensar naquilo depois das primeiras 24 horas.

De qualquer maneira, por volta das seis eu desisti e fui para casa. Era evidente que ninguém precisava de minha ajuda ali. Não gostei daquilo, mas minha opinião não tinha a menor importância. Os filhos do presidente continuavam desaparecidos.

## capítulo 11

**SE EU TIVESSE A MÍNIMA NOÇÃO** das coisas terríveis que estavam prestes a acontecer, não teria ido ajudar John Sampson naquela noite.

Meu melhor amigo e sua esposa Billie faziam parte do comitê que brigava pela criação de mais uma escola experimental em nosso bairro. O evento deveria ser uma simples reunião de caráter informativo, mas os moradores andavam com os ânimos acirrados.

Portanto, achei melhor levar reforços: Nana Mama, minha avó de 90 e tantos anos, e Bree, minha esposa, que trabalha como detetive no Departamento de Crimes Hediondos e que tinha sido louca o suficiente para se casar comigo alguns meses antes.

Chegamos cedo ao centro comunitário para ajudar na organização. Eu tentava afastar Ethan e Zoe Coyle de meus pensamentos.

– Obrigado por fazer isso, amigão. Eu lhe devo essa – disse Sampson, esticando o fio do aparelho de som enquanto eu abria as cadeiras dobráveis. – Acho que hoje a coisa vai ficar feia!

– Mais feia que sua cara vai ser difícil! – falei, e meu amigo veio para cima de mim. Sampson e eu sempre tivemos esse espírito brincalhão desde os tempos de infância.

– E olhe que tentamos manter o foco da discussão! – disse Billie, que surgiu com uma pilha de folhetos para que distribuíssemos à porta. Percebi que, além de agitada, a mulher de meu amigo estava nervosa. Alguns engraçadinhos tinham espalhado boatos maldosos pela vizinhança, aumentando a resistência ao projeto da nova escola.

Eu imaginava que a chuva iria afugentar as pessoas, mas às sete da noite o salão estava lotado. John e Billie deram início à reunião, fazendo um discurso sobre os benefícios do projeto: as aulas de reforço em matemática, a importância da leitura e o envolvimento dos pais. Aqueles assuntos deixavam meus amigos empolgados. Eu também começava a me entusiasmar. Afinal, um dia meu filho mais novo Ali iria frequentar aquela escola.

Mas estávamos falando de Washington, onde ninguém aceita que uma boa ideia contrarie o status quo, portanto o tempo logo fechou.

– Já ouvimos essa conversa antes – protestou uma mulher de bermudas e chinelos ao microfone que havia entre as filas de cadeiras. Eu me lembrava dela da igreja. – A última coisa que queremos é outro colégio experimental sugando as verbas de nossa escola pública.

Ouviram-se vaias e aplausos pela sala, bem como alguns comentários desagradáveis.

– Tem razão!

– Isso mesmo, caíam na real!

– Escola experimental porcaria nenhuma!

– O *problema* – interveio Billie – é que poucas crianças de nosso bairro chegam à universidade. Se conseguirmos lhes proporcionar uma boa educação desde cedo...

– A gente devia estar brigando pela reabertura das escolas fechadas, e não pela inauguração de novas! – retrucou a mulher.

– É isso mesmo!

– Sente-se!

– Sente-se você!

Aquela situação era patética. Eu já havia falado duas vezes ao microfone, mas sem chegar a lugar nenhum. Sampson parecia prestes a esmurrar alguém, enquanto Billie dava a impressão de estar à beira das lágrimas.

Então senti uma cutucada nas costas. Era Nana.

– Me ajude a levantar, Alex. Tenho algo a dizer.

INFORMAÇÕES SOBRE OS  
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)